

ARBORIZAÇÃO

Celso Maria de Mello Pupo
(da Sociedade dos Amigos da Cidade)

Quem atendeu ao último convite da Sociedade dos Amigos da Cidade, ouviu encantado uma esplêndida lição ministrada por um técnico competente, culto, viajado, senhor absoluto do assunto e enamorado da sua especialidade o que é magnífico característico para um profissional.

O conferencista expoz com segurança e clareza, as qualidades necessárias à espécie que mais se aproxima da arborização ideal: formação da fronde, tamanho, grossura e número de galhos, tamanho e perenidade das folhas, profundidade das raízes, caracteres do sombreamento proporcionado e outras que lhe permitiram sua vasta observação e sólida cultura.

Viajando pelos Estados Unidos, teve S. S. a oportunidade de observar o que lá foi feito neste assunto que para os americanos do norte, merece dedicado carinho. Por fotografias coloridas, magnificamente projetadas numa tela e instruídas com o ensinamento do conferencista, vimos numerosos parques e avenidas, formados e conservados com a religiosidade que tem um povo civilizado, pelas obras da natureza. O americano compõe alamedas de árvores nas suas vias, contrapõe nas suas praças conjuntos arbóreos com tapetes extensos e verdejantes de gramados perfeitíssimos; floreja recantos ou traça linhas intermináveis de colorido variegado e exuberante de azaleas, gerânios e outras preciosas espécies floríferas.

Para tanto, mantém viveiros impecáveis, escolhe, seleciona, multiplica, regula a composição arbórea, irriga, aduba, poda, recolhe e reduz a galharia cortada, tudo mecanicamente, modernamente, inteligentemente, dentro de processos racionais e avançados, fazendo-nos inveja com os parques e ajardinamento de suas largas ruas ainda mais ampliadas pelos recuos avantajados dos prédios particulares cujos jardins, sem vedação, se misturam num elevado solidarismo que proporciona ambientes encantadores para delícia dos que ali residem. Não exibiu o conferencista fotografias de ruas arborizadas com árvores floridas, mas existem elas nos Estados Unidos e até arborizadas com flamboyant.

Existem lá também problemas muito nossos como o criado pelos fios telefônicos e de energia. Si em grande número

CMP 2.13.152-2 2

ro de cidades europeias as instalações de fios são subterrâneas, que é a solução ideal para a arborização, vimos na conferência, fotografias de ruas americanas com os feíssimos e importunos fios a atrapalharem o arvoredo; utilizaram-se, em certa cidade, postes colocados em ziguezague, permitindo arborização em desencontro com os fios o que, si não é solução de gosto, pelo menos atesta a cooperação dos serviços telefônicos e de energia com o de arborização.

Quanto a fios, vimos também uma colocação deles nos fundos das casas, em vielas, fugindo à proximidade do arvoredo o que nos fez lembrar de uma solução também interessante, iniciada há anos em cidade litorânea de nosso Estado, onde as casas são tôdas obrigatoriamente recuadas, e qual seja a de colocar os postes junto ao limite dos terrenos particulares, isto é, nos fundos dos passeios enquanto as árvores são plantadas próximas às guias. Nesta mesma cidade, naquela época, foram também deixadas as árvores com suas franças bem altas, acima dos fios.

De lição em lição, desenvolveu o nosso conferencista a sua palestra, refulgindo na sua simpatia; teve êle oportunidade de se externar quanto às espécies mais apropriadas para a arborização de Campinas, assim como a orientação que tem dado e tem sido seguida pelos técnicos da Prefeitura. É seu parecer que nesta arborização deve ser preferido o alecrim como a que mais se aproxima da árvore ideal e que constituirá nossa arborização geral, pelo formato de sua copa e por permitir nela aberturas, à moda de tuneis, para a passagem dos fios; pelo sombreamento que oferece, pela folhas pequenas e que não se desprendem tôdas no inverno não exigindo varreduras suplementares do chão, pela profundidade de suas raízes que não prejudicam os passeios. Mas, dizemos nós, é a espécie de mais de morado crescimento.

Espécies floríferas serão apenas permitidas de longe em longe para quebrar a monotonia do alecrim que não floresce; não serão utilizados na arborização de conjunto em ruas, árvores como os ipês roxos ou amarelos que ali, naquela ruela estreita como a Coronel Quirino, extasiavam campineiros e forasteiros, porque derrubam muitas folhas no inverno e aumentam o trabalho das varreduras; como o jacarandá de lindas flores que em Campinas nunca consegue florescer, pois vive mutilado pela perversa tezeura da Prefeitura, porque seus galhos não permitem os horrosos tuneis para a passagem de fios telefônicos, mesmo em lado de rua em que não existam fios; como os flamboyants, vistosa maravilha da natureza, porque suas raízes danificam os passeios, seus exemplares são atacados por bezouros e são de menor duração vital que os alecrins; como as acácias e tantas outras que na sua florescência encheriam de encanto a nossa cidade, de orgulho os seus habitantes e de êxtase os que nos visitam.

A técnica, portanto, se mostra utilitarista, comodista e mesmo egoísta, circunscrevendo os serviços de arborização

dentro das facilidades de tratamento, de conservação e redução de trabalhos, sem levar em conta as exigências do belo. Deve ela, entretanto, não desprezar três qualidades fundamentais da arborização: oxigenação do ar, sombreamento para pedestres e embelezamento. Para se atenderem às duas primeiras qualidades pode-se procurar a árvore menos exigente em trabalhos e cuidados, mas para a última não é lícito poupar sacrifício para um resultado satisfatório. Em beleza a cidade, encantar seus habitantes com a magnificência de um florido extenso, extasiar nossas visitas que serão arautos das belezas de Campinas e propagandistas de uma cidade próspera, saudável e além disso encantadora, não só é amenizar a rigidez da técnica, torná-la humana, utilíssima e benfazeja, como dar à cidade o que lhe é verdadeiramente vantajoso.

Deixar de plantar, em extensão, nas ruas de Campinas, uma espécie arbórea porque ela exige cuidados maiores por não possuir tanta rusticidade, ou por exigir mais frequentes replantas, é um fracasso, é uma deserção na conquista da beleza. Em rua larga de Campinas, como a Barão de Itapura cuja arborização foi agora feita de alecrim, seria de arrebatador, seria uma deliciosa visão, longas filas de árvores floridas; como se engalanaria a cidade com alas do estonteante ipê roxo ou amarelo, do jacarandá luxurioso, e de outras das quais já temos amostra em indivíduos isolados que perdem em confronto com os conjuntos da mesma espécie.

Lembremo-nos de Petrópolis com a sua profusão de hortências que, por abundantíssimas, não enjoam, não saturam, mas agradam sobremaneira; lembremo-nos da serra na estrada de Santos com as suas quaresmeiras em flor; da rua São Luiz em São Paulo, do atestado de riqueza do conjunto que nos dão as palmeiras imperiais que um inteligente campineiro plantou na praça Carlos Gomes; a palmeira isolada é linda, em conjunto um encantamento. Nessas árvores floridas não deixam de ser lindas isoladamente mas, em conjunto, serão um esplendor.

Neste ano, três ipês brancos floresceram em Campinas; dois no jardim Público e um na Praça Carlos Gomes. Bastaram para provocar em nossa terra uma verdadeira revolução; não houve pessoa de bom gosto que não fosse admirá-los, fotografá-los, descrevê-los nas palestras como vivos atestados da riqueza florígera da cidade; e não é possível negar que seria lindo possuí-los em maior número de exemplares e em maior número de praças.

Parece razoável que os majestosos flamboyants de Campinas, que há anos mereceram uma crônica especial na coluna redatorial de "O Estado de São Paulo", fiquem reservados para conjuntos em praças pela superficialidade de suas raízes; nunca seria razoável, porém, a sua exclusão por motivos de fragilidade e por mais sujeitos a ataques de insetos daninhos; no Largo Santa Cruz, vários deles foram destruídos e apenas um foi replantado pela técnica da Prefeitura.

Perdoem-nos dizer, mas parece que a técnica oficial tem ojerisa pelas flores. Na Avenida Anchieta, passeio da Santa Casa no qual não existem fios telefônicos ou de luz, vi cejam umas árvores belíssimas e que, estranhamente, tem sido pou padas pela tezoura inexorável da Prefeitura. Também em passeios da mesma Santa Casa, nos quais também não há postes nem fios de luz ou telefônicos, nas ruas Benjamim Constant e Barreto Leme, os vigorosos jacarandás não conseguem florescer porque em todo o fim do inverno a megera da tezoura da Prefeitura os mutila impie dosamente sem motivo, sem razão, sem justificativa. Agora estão êles condenados a morte e para substituí-los foram plantados ale crins que, uma vez mais crescidos, assistirão a derrubada dos já carandás antigos; se houvesse ~~qual~~ motivo para sacrificar os jacarandás, porque não substituí-los por árvores de flor uma vez que estão em passeios sem fios e longe das construções recuadas da Santa Casa? e porque podar essas árvores que têm sobra de espaço para estender sua ramagem?

Perguntas de leigo e que talvez não valham um caracol; mas a experiência e a observação relembram que foi, segundo dizem, talvez uma boa intenção em economizar ~~calçamento~~ que permitiu a abertura de ruas estreitas em bairros novos de Cam pinas, malefício tremendo hoje no domínio público que não se can sa de maldizer êste cochilo. Fato clamoroso, pois, autoriza-nos a debater o assunto que especialistas têm considerado como privativo dos seus conhecimentos, quando, no mesmo campo, existe um limite em que se abranda a autoridade da técnica para deixá-lo ser visto em amplidão que abranja outros fatores de beleza, de bom gosto e mes mo de utilidade comercial. Neste último, então, si tivéssemos ative comissão de turismo, já teria ela se declarado por uma arborização florífera abundante e disseminada como um impressionante fator de desenvolvimento da atividade turística.

Que os bons ensinamentos, indispensáveis que são, beneficiem a cidade, mas se quisermos ter uma cidade linda pa ra encantamento do campineiro e atração de turistas, que se inscre va nos programas de arborização: flores, flores, flores,